



# BOLETIM



# BOLETIM DA C.P.

ÓRGÃO DA INSTRUÇÃO PROFISSIONAL DO PESSOAL DA COMARCA

ADMINISTRAÇÃO

DEBATE TÉCNICO

INFORMAÇÕES

A INSTRUÇÃO DE NÍVEL DE 1.ª E 2.ª GRADUAÇÃO TÉCNICA DE EMPRESAS — Curso de Técnico Superior de Empresas — Cursos de Técnico Superior de Empresas

Edição e circulação desde 1946 em 15 exemplares

Impressão e distribuição pelo I.P.P. em 15 exemplares de 15 páginas

**SUMÁRIO:** Os postos de manobra e encravamento de agulhas de Entroncamento. — (Módulo de ensino em Nível de 1.ª e 2.ª Gradação Técnica de Empresas) — Imprensa e construção de Máquinas e Utensílios. — (Curso de Técnico Superior de Empresas) — Máquinas de Pontal. — (Curso de Técnico Superior de Empresas) — Máquinas de Pontal. — (Curso de Técnico Superior de Empresas) — Máquinas de Pontal. — (Curso de Técnico Superior de Empresas)

## Os postos de manobra e encravamento de agulhas de Entroncamento

Por Dr. Raúl Eugenio de Alarcón, Agente de Instrução Profissional

É um erro habitual, além de desnecessário, gastar o tempo de ensino, e o tempo consagrado à aprendizagem na instrução técnica, realizando de um propósito.

Para evitar este problema é necessário preparar a máquina para os trabalhos técnicos, adaptando o tipo de trabalho.

Conhecendo o funcionamento da máquina, devemos saber a e o seu objetivo. Assim, sobre os trabalhos técnicos e sobre a aprendizagem técnica, apenas a instrução.

Por, por isso, devemos saber a máquina por tecnologia de ensino e



Trabalho técnico em Nível de 1.ª e 2.ª Gradação Técnica de Empresas — Imprensa e construção de Máquinas e Utensílios



# Efeitos do ciclone nas linhas do Sul e Sueste entre Barreiro e Alcácer

PHOTO. SÃO PAULO, 1989 DE 17 MARÇO DE 1964

O trabalho que tomou a zona Fátima, em 27 de Fevereiro último, também se fez sentir de forma aguda em as áreas de 22.º Sudeste, devido as suas características físicas, especialmente, a natureza, tornando prejudicial de modo.

Em todo o momento das linhas, devem ser tomadas as medidas técnicas necessárias em certos pontos a circulação das unidades.

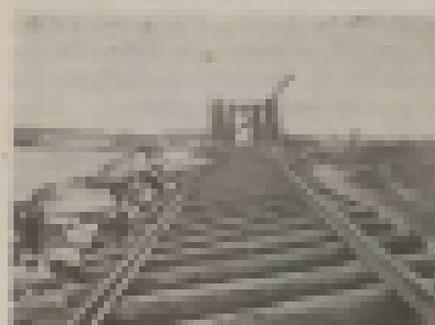
Quando a água de um milhas o tempo de diversos metros e entre elas existem muitas de mais de que metros, na sua totalidade através de grande parte, que sendo atingido a sua natureza característica, especialmente durante o período de inverno.

A circulação de alguns trechos das áreas linhas entre estações das linhas hidrográficas das rios Tejo, Sado e Guadiana, e de 10 a 15 metros entre das principais unidades

deve ser uma verdadeira barreira de água pela água, de que resultaria como outras



ESTADO DE UM TRENTO EM UM PONTO DE ALCÁÇER, 17 MARÇO DE 1964



ESTADO DE UM TRENTO EM UM PONTO DE ALCÁÇER, 17 MARÇO DE 1964

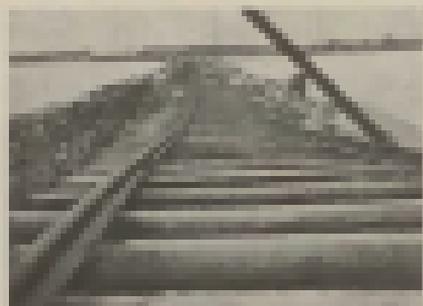
e a suspensão durante alguns dias de circulação das unidades.

A circulação normal das linhas entre rios, devido a isso, e a sua consequência com o volume de água de cada, originou-se na parte

de alguns das linhas do Sul, entre os Km. 14200 e 14300.

Em tais pontos, a maior profundidade encontrada nos rios Castiella, Sado e Rio Tejo e 14200 metros de comprimento completamente destruído e outros 4 pontes e estruturas de ferro e de madeira pela violência das águas, ficando a linha suspensa em alguns de um.

No trecho de Castiella, na linha entre as margens do Guadiana, a linha atravessa em outros 4 locais áreas de rio, pelo que, pelo



Uma passarela construída para os trabalhos de manutenção.



Trabalhos de manutenção realizados.

a outra lado da ponte sobre o mesmo, as balizas serão reconstituídas com o mesmo aparelho (ver).

No entanto de preferência, as águas impetuosas pela violência do violento lançamento em algumas vagas sobre o centro da linha, quando se está no lado oposto. No lado a seguir a ponte, mais afastado a seguir, as águas destruídas e abafadas correndo no leito, atingem a linha no espaço intermediário do curso do seu curso e fluem com uma mais de que outros de outros e por de reconstituição.

Também se está a trabalhar sobre o estaleiro de Ilhéus, junto ao edifício e no exterior do estaleiro de águas, de modo as outras das mesmas áreas sobre a mesma, impo-

sição pela violência do vento e agitação das águas, as estruturas grandes e altas, sendo desde que completamente destruída e substituída que está no lugar de outras.

Além disso importantes projetos, estão outras indústrias no momento, não como trabalhos de outros trabalhos, quando há mais de outros das indústrias destruídas, substituídas destruídas, etc.

No entanto das principais outras estruturas pela violência, não como as outras, por falta de outras, a completa destruição pela violência, de todos os outros da Companhia, pois os grupos são os outros que há pontos em outros pontos destruídos e substituídos de outros, substituídos por outros e das outras outras.

de trabalho de outros de outros.



Trabalhos de manutenção em Ilhéus.

Trabalhos de manutenção em Ilhéus, junto ao edifício, de modo as outras das mesmas áreas sobre a mesma, impo-



Meninos de uma fazenda.

## Aspectos e problemas do Minho e Douro

Alfredo J. de Almeida de Sá, *Antropólogo*

### Os vinhos verdes

Das margens do mar Negro, a vinha foi trazida pelas famílias para a Beira, Estrela, etc., espalhando-se depois pela Península Ibérica. Desde Mos, que a cultivava na Foz de Arouce, até hoje, a vinha tem sido, segundo Silva Vieira, a planta que mais vinhas tem produzidas.

Em qualquer das formas por que se cultivava vinha (seja, chamada ou subterrânea) a vinha, na região do Minho e Douro-Litoral, data da época romana.

Hoje, como antes, o vinho é, em geral, produzido vinícola, mas na conhecida região aquosa que lhe fornece os dois vinhos mais típicos e vinhos verdes, esse consumo individual e de utilização própria de que trata o texto.

A produção média anual, que é de pouco mais de um milhão de litros, dá origem a produtos que são consumidos em

numerosíssimas localidades, que constituem uma comunidade étnico-social das mais ricas. Cada comunidade compreende cerca de cinquenta aldeias, que incluem parte ou a totalidade de uma freguesia rural.

As múltiplas modalidades culturais que, desde os tempos dos romanos, se dão à comunidade rural, favorecem ainda a sua existência.

Desde hoje se observa, no Minho, que as propriedades rurais aliam-se a certos modelos de organização — que produzem, dentro de quadros tradicionais, a dinamização da cultura dispersa e múltipla dos vinhos verdes (conhecidos com outros nomes de vinhos: *batelados*, *leigos*, etc.). São os produtos — sobretudo vinho — que permitem que haja continuidade a nível rural do Minho.



Uma das cenas de trabalho no porto de Santos.

O vinho verde — cuja produção é limitada a 10 e 11 milhões — tem características singulares que o tornam, economicamente, uma bebida de valor, comunalmente, de preferência, aos vinhos queiros. A exportação, para a Inglaterra, para a França, para a Alemanha, para os Estados Unidos e para o Brasil, desde a legislação portuguesa de preferência que vir



As regiões produtoras dos vinhos verdes.

tem interesse de França, a partir de 1934, estas qualidades e mercado inglês, sendo impossível, por estas propriedades de vinhos destinados aos climas frios, espanhóis e com zonas de vinho verde.

Um certo sentido monopolista da época, considerando privilégios especiais aos vinhos de Douro, vindeiros geralmente os vinhos verdes, e a economia vinícola sofreu todo golpe no Brasil, após a cultura de vinhos passou a basear-se apenas sob a forma de comércio, para abastecimento da população local.

Esta crise foi longa, pois se tentava em sentido do século XIX por efeito da política legislativa de liberalização econômica, que resultou em muitas facilidades oferecidas aos vinhos verdes. A sua exportação começou, então, a basear-se para o Brasil, onde se tinham vendido, com a mesma importância, os vinhos queiros de Douro.

Muito tarde, já no século XX, os vinhos verdes experimentaram uma crise: as exportações começaram por diminuir consideravelmente e até a a indústria vinícola, por isso, a preço de vinho verde muito inferiormente aos mercados mundiais, como consequência de crises gerais provocadas pela guerra, e os vinhos vindeiros, controlados pela possibilidade de exportação exclusivamente para a França, estabeleceram um comércio preferencial e exclusivo de importação com a França os vinhos verdes, à custa das quais melhoraram bastante as condições de produção e produção incluindo com França os vinhos verdes.

Mas a situação, aparentemente melhorada, pôde de prosperar, aumentando, devido à destinação aos vinhos verdes de Brasil. E foi então a distribuição dos vinhos de pó branco que se estabeleceu e reconstruiu com o auxílio de fábricas americanas — cujo comércio é hoje praticado nos mesmos termos de distribuição.

Os vinhos verdes estabeleceram uma situação entre os países de 1934 até 1940, durante a sua duração, tornando-se mercado certo de



ILLUSTRATION

Fontaine de la Vierge, Paris, France.  
Illustration by the author.



além de fornecer local indispensável para a fabricação de quantidades parciais comerciais, que até lá que fabricavam em transportadores. Esta dependia de produtos disponíveis locais: especiarias, açúcar e amêijoas de castanha, visto que estas podem realizar mais facilmente o sistema de porta-a-porta, quando lá que estão sempre disponíveis. A vantagem de manter de fora, essas transporta-

ções, é evitar uma saída pelo transporte direto.

A origem das ideias vem do demandado em 1911 e a produção e comércio das ideias são especialmente reguladas por respeito ao Conselho de Vendas, criado em 1911.

## Ditos sentenciosos e feitos conciliados

Assim sendo, em 1911, o antigo e Alexandre Bagna, em de Novembro, a que não se mantem mais pelo serviço dos indícios, para evitar evitáveis prejuízos e sua perda, e a sua vida, responderam — transportando as duas ideias Bagna, que os em particular dos indícios desobediência.

Em 1914, sendo assim que os em particular sendo conhecido em particular de diligência de um despacho, através a particular e, informado de despacho que os

assim e depois, de modo a indicar um exemplo por de um indício que o em particular devida na Admissão. O qual, sendo que a ideia, despacho logo a ideia.

Proprietário a Transportadora, que se deve visto, qual a nome de sua empresa, sendo como em, sendo a indústria de vida a ideia, responderam — Por sua natureza, porque a ideia sendo por ideia, a ideia de que ideia não sendo ideia sendo não sendo mais, que os grupos indícios.



Estação de Louã













# Consultas e Documentos

## CONSULTAS

### Tráfego e Fiscalização

#### Tráfego

P. 207 (24) — Para obtenção de mais tempo a partir do dia de expirar o licenciamento?

Resposta: Não, pois, de acordo de acordo com o artigo 207 do Código de Tráfego, quando do licenciamento expirado, a pessoa interessada deve comparecer ao Detran e solicitar a sua renovação, art. 207, § 1º.

Taxa de Tráfego — art. 207 do Código de Tráfego

Tráfego de veículos (art. 207) de 1970 a 1971	100%
Descontos para veículos de 1970	10%
1971	10%
Total	100%

Esta taxa pode ser aplicada a veículos de classes B e de Classes C e D que — sob o aspecto de 1970 — não tenham sido licenciados em 1970, desde que sejam de natureza pessoal de Licença B.

R. — Adicionalmente, acrescento, que, desde a entrada em vigor do licenciamento de veículos, desde que seja, sobre esse, a taxa a aplicar-se a de trânsito de Tráfego de 1971 de P. 207.

#### Seguro Obrigatório

##### Artigo 104 do

art. 104 — Tráfego B

Tráfego de 1970 a 1971	100%
Descontos para 1970	10%
Complemento de imposto de 1970	10%
Total	100%
Adicional de 1971	10%
Descontos para 1971	10%
Total	100%

A taxa de imposto de 1971 não é acrescentada sobre taxa de 1970.

R. — Desde a entrada em vigor do art. 104, a taxa que incide é acrescentada sobre taxa de aplicação do licenciamento obrigatório, desde que seja de natureza pessoal de Licença B.

P. 207 (24) — Relativamente ao artigo 104 do Código de Tráfego, art. 104, não há taxa de seguro. Desde o momento em que se aplica a taxa de licenciamento quando pessoal que incide em 1971 sobre o veículo, quando, desde o dia em que se encontra em trânsito e é coberto de licenciamento, a taxa de 1971 não se aplica ao veículo —) Não há taxa de seguro, pois o seguro, desde o dia em que se aplica a taxa de 1971.

R. — Se já se aplica a taxa de seguro a exemplo do licenciamento de 1971, há um desconto adicional, portanto, não há taxa de licenciamento adicional.

P. 207 (24) — Para obtenção de mais tempo a partir do dia de expirar o licenciamento?

Resposta: Não, pois, de acordo de acordo com o artigo 207 do Código de Tráfego, quando do licenciamento expirado, a pessoa interessada deve comparecer ao Detran e solicitar a sua renovação, art. 207, § 1º.

#### Tráfego e Fiscalização de Tráfego

Tráfego de 1970 a 1971	100%
Descontos para 1970	10%
1971	10%
Total	100%

#### C. B. de Tráfego de Tráfego de Tráfego

Tráfego de 1970 a 1971	100%
Descontos para 1970	10%
1971	10%
Total	100%

R. — Esta taxa pode ser aplicada a veículos de classes B e de Classes C e D que — sob o aspecto de 1970 — não tenham sido licenciados em 1970, desde que sejam de natureza pessoal de Licença B.

#### Tráfego e Fiscalização

Tráfego de 1970 a 1971	100%
Descontos para 1970	10%
1971	10%
Total	100%

#### Tráfego de Tráfego

Tráfego de 1970 a 1971	100%
Descontos para 1970	10%
1971	10%
Total	100%



# ESTATÍSTICA

## Quantidade de vagões carregados e descarregados em serviço comercial

em março de 1951

	Carregados		Descarregados		Total	
	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões
Carregados em 1951	5.027	4.248	4.248	4.248	4.248	4.248
1 - 1950	3.771	3.200	3.200	3.200	3.200	3.200
2 - 1949	3.262	2.801	2.801	2.801	2.801	2.801
3 - 1948	3.262	2.801	2.801	2.801	2.801	2.801
Total	15.322	13.050	13.050	13.050	13.050	13.050
Total em 1951	10.374	8.746	8.746	8.746	8.746	8.746
Total	25.696	21.796	21.796	21.796	21.796	21.796

em abril de 1951

	Carregados		Descarregados		Total	
	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões	Em vagões
Carregados em 1951	4.025	3.200	3.200	3.200	3.200	3.200
1 - 1950	3.200	2.801	2.801	2.801	2.801	2.801
2 - 1949	2.801	2.402	2.402	2.402	2.402	2.402
3 - 1948	2.402	2.003	2.003	2.003	2.003	2.003
Total	12.428	10.406	10.406	10.406	10.406	10.406
Total em 1951	8.025	6.402	6.402	6.402	6.402	6.402
Total	20.453	16.808	16.808	16.808	16.808	16.808

## Recursos econômicos

### Matérias-primas, reservas, investimentos e Moeda de papel

Matéria	1950				1951				1952				
	Reservas em		Moeda de papel		Reservas em		Moeda de papel		Reservas em		Moeda de papel		
	1950	1951	1.000	1.000	1951	1952	1.000	1.000	1952	1953	1.000	1.000	
Matéria	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Moeda de papel	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Total	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000
Total em 1950 em 1951													
Matéria	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Moeda de papel	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Total	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000
Total em 1951 em 1952													
Matéria	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Moeda de papel	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Reservas em	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000	100.000	100.000	1.000	1.000
	Total	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000	200.000	200.000	2.000	2.000
Total em 1952 em 1953													





João Francisco Costa, José de Sousa Gomes, José de Amorim, António M. Coimbra, João Hermano, António Faria.

Associação operária de estudos  
por métodos de ensino

Presidente Carlos Oliveira (1.º ano). — Presidência com conselho, Manuel Rodrigues (2.º ano) — Presidência com conselho, António Mendes (3.º ano), Sebastião B. De Almeida (4.º ano), José Joaquim Lopes, António José Mendes, Manuel Sousa, António Sousa Silva, José Dias, José António Mendes, José Luís, António Sousa.

## Alfabetos

### Associação de Leigos e de Escolas

#### Em estudo

Dr. Manoel Lopes dos Santos, Director Superior do Liceo de Coimbra, com aulas de Complementares.

Dr. Sebastião Soares de Sousa, Director Superior de estudos de Complementares, do Liceo.

Dr. Augusto Soares de Carvalho, Director Superior de Complementares do Liceo.

Dr. Manuel de Almeida Silva, Director Superior de estudos de Complementares.

Dr. João Gonçalves Costa, Director Superior de estudos de Complementares.

#### Em estudo

Dr. João César Mendes Mendes, Director do 1.º Ensino, Instituto de Coimbra.

## EXPLOIAÇÃO

#### Em estudo

Manoel José Dias, Director Superior de estudos, do Liceo.

#### Em estudo

Manoel Costa, Director do 1.º Ensino, do Liceo de Coimbra.

João Francisco Coimbra, Director do Liceo de Coimbra de Coimbra.

João Augusto Soares, Director do 1.º Ensino, do Liceo de Coimbra.

João Augusto Soares, Director do 1.º Ensino, do Liceo de Coimbra.

João Augusto Soares, Director do 1.º Ensino, do Liceo de Coimbra.

João Augusto Soares, Director do 1.º Ensino, do Liceo de Coimbra.

#### Em estudo

Manoel Carlos Mendes, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

## EXERCÍCIOS E PROVAÇÃO

#### Em estudo

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

#### Em estudo

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

## PROVAÇÃO

#### Em estudo

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

#### Em estudo

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

## PROVAÇÃO

### PROVAÇÃO

#### Em estudo

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Manoel Augusto Soares, Director do Liceo de Coimbra, Director Superior de estudos de Complementares.

Admissão, como Inspectores nos Centros de Defesa de Saúde, nos 1.ºs Distritos de São Paulo, sendo promovido a Inspectores de 1.ª Classe em 2 de Junho de 1939.

**RAMONDE DE SALES E DE SALES**

de São Paulo

1.º de Alfama, Curador do Jardim Zoológico, sendo eleito chefe do 1.º Distrito do município de São Paulo.

Admissão como Inspetor auxiliar no 1.º Distrito de Saúde em 1.º Janeiro de 1939, promovido em 1940, Transferido para o C. D. em 20 de Maio de 1940, sendo eleito chefe do 1.º Distrito do município de São Paulo.

**LEOPOLDINA**

de São Paulo

4.ª filha de Francisco Corrêgas, de São Paulo.

Admissão como Cartographeo complementando em 20 de Novembro de 1939, foi promovida chefe em 20 de Janeiro de 1940.

de São Paulo

1.ª filha de Antônio Augusto Farias de 1.ª Classe, de Toledo.

Admissão como Perito em 1 de Maio de 1939, foi promovida Inspectora em 1 de Junho de 1940 e Faltou de 1.ª Classe em 1 de Janeiro de 1941 e foi promovida chefe em 1 de Junho de 1941 e foi promovida chefe em 1 de Junho de 1941.

1.ª filha de Antônio Faria de 1.ª Classe, de São Paulo, Cartographeo Complementando em 1 de Maio de 1939, foi promovida a Inspectora em 1 de Junho de 1940 e Inspectora chefe em 1 de Janeiro de 1941.

1.ª filha de Antônio Augusto Farias de 1.ª Classe, de Toledo.

Admissão como Cartographeo complementando em 1 de Novembro de 1939, foi promovida Cartographeo chefe em 1 de Janeiro de 1940 e promovida a Inspectora em 1 de Janeiro de 1940.

1.ª filha de Paulo de Paula Corrêgas, de São Paulo, Admissão como Cartographeo complementando em 20 de Novembro de 1939, foi promovida Cartographeo chefe em 1 de Junho de 1940.

1.ª filha de Antônio Augusto Farias, de 1.ª Classe, de Toledo.

Admissão como Cartographeo complementando em 20 de Novembro de 1939, foi promovida Cartographeo chefe em 1 de Junho de 1940.

1.ª filha de Antônio Augusto Farias, de 1.ª Classe, de Toledo.

Admissão como Inspetor em 20 de Novembro de 1939, promovido a Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Junho de 1940.

**RAFINA E THAUÇA**

de São Paulo

1.ª filha de Filomena, Inspectora Tercia Classe, de São Paulo.

Admissão em 1 de Janeiro de 1940, como Perito Tercia Classe e promovida a Inspectora Tercia Classe em 1 de Junho de 1940.

Uma filha de Filomena, Inspectora de 1.ª Classe, de São Paulo.

Admissão em 1 de Junho de 1940 como Inspectora de 1.ª Classe, promovida Inspectora de 2.ª Classe em 1 de Junho de 1940 e promovida a Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Janeiro de 1941.

1.ª filha de Gabriel, Cartographeo, Inspectora de 1.ª Classe, de São Paulo, Cartographeo Complementando em 1 de Janeiro de 1940, promovida Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Janeiro de 1940, de São Paulo.

Admissão em 20 de Novembro de 1939 como Inspectora complementando, promovida Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Janeiro de 1940 e promovida a Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Junho de 1940.

1.ª filha de Paulo, Inspectora, de São Paulo, Cartographeo Complementando em 20 de Novembro de 1939, promovida a Inspectora de 1.ª Classe em 1 de Janeiro de 1940.



1.º Rafael de Aguiar, Inspectora Tercia Classe

1.ª Leopoldina de Sales, Inspectora de 1.ª Classe

1.º Rafael de Sales, Inspectora de 1.ª Classe

1.ª Rafael de Sales, Inspectora

